PIÉ

REVISTA LITERÁRIA

ISSN 2674 7006

EDIÇÃO Nº 28
ANO 4
JANEIRO/2022

Eduardo Mahon
Editor Geral

EDITORIAL

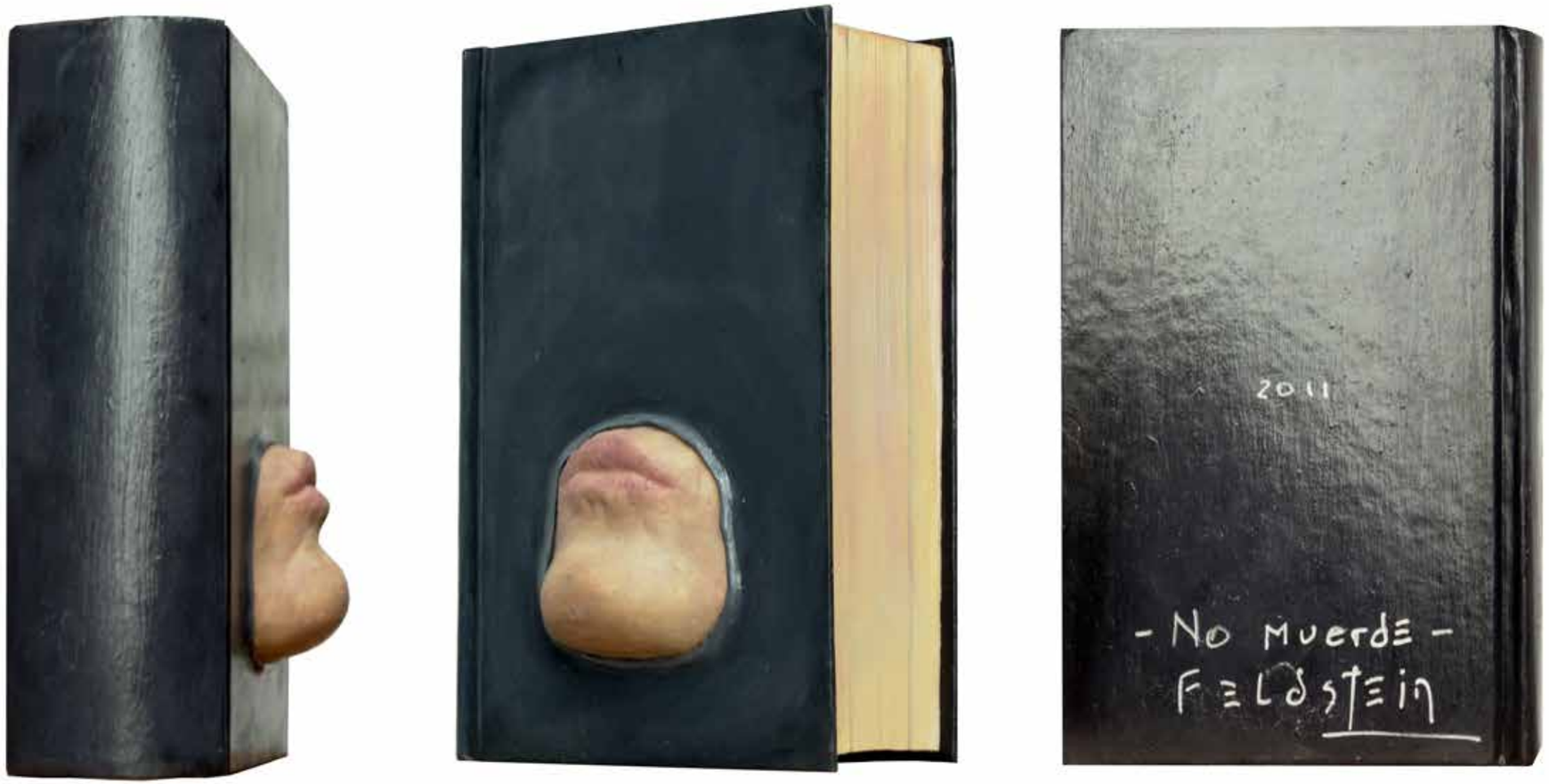
Diante da urgência da inclusão social, o que fazemos nós com a bagagem que nos constituiu e que excluiu tanta gente? O que fazemos com a literatura que aprendemos a admirar, desde a dramaturgia grega? Aquelas estátuas, todas muito brancas, aquelas pinturas de mulheres, todas muito loiras, aqueles rompantes romanos de raptos e firulas francesas amaneiradas? O que fazemos com a cultura que nunca deixou de ser elitista: Bach, Chopin, Brahms? E as antigas lições de etiqueta com direito a talheres de prata e guardanapo de linho branco? Muita gente acredita que tudo isso deva ser deletado do contemporâneo. Uma vez banida essa cultura considerada excludente, abriremos espaço para outras formas de expressão, inclusiva, democrática, popular. Será mesmo?

Talvez seja esse o maior dilema de nossa época. Ao olhar para trás, é impossível que qualquer intelectual minimamente sensível não se mostre indignado. Não convém aqui fazer uma lista das injustas exclusões e odiosos apagamentos. Qualquer publicação seria insuficiente. No entanto, como viver sem passado? Como pensar o mundo sem ajuda das bibliotecas que nos influenciaram até aqui? Como desapegar do "gosto" construído desde a infância? Sem qualquer dúvida, a preferência estética é uma construção, porque não existe obra de arte que seja intrinsecamente boa ou ruim. Os padrões de julgamento mudam tanto que até mesmo o desejo muda com eles. O mundo variou tanto de opinião sobre o que é bom e mau que é dispensável provar o óbvio.

E agora? Viveremos sem culpa amando Flaubert e os dramas pequeno-burgueses?, Proust e os paradoxos da *high society*?, Dostoievski e seus espíritos atormentados? Parece válido o questionamento. A tradição de rupturas definiu a modernidade. Tomando distância no tempo, entendemos que todas as pequenas e grandes revoluções estéticas não partiram senão de uma pequena elite. O conservador, mesmo travestido de liberal ou de revolucionário, de fascista ou de socialista, de cubista ou de surrealista, enfim, de todo e qualquer "ista" dos muitos "ismos" disponíveis, nunca deixou de ser um conservador. Como cantava Cazuza, o que observamos não passa de um museu de grandes novidades. Sim, novidades que rapidamente envelhecem.

O intelectual que queria mudar o mundo sempre gostou de se deleitar com *croissants* quentinhos. Aliás, parece que pouco mudou de lá para cá. Não é de agora a pretensão de pensar a periferia a partir de autores europeus, de olhar para o pobre a partir de um bangalô de vime, de pontificar rebeliões ao lado do samovar. Então: o que fazer? Parece-nos que uma violência não justifica a outra. A lei de Talião é a pior solução para os dilemas culturais que se apresentam num mundo que reclama por equidade. Queimar livros, esquecer autores, banir do repertório formativo os clássicos é repetir o mesmo crime que o passado impingiu. Dessa vez, curiosamente, quem busca a revanche são intelectuais beneficiados por essa mesma matriz que se quer silenciada.

Muito ao contrário do que possa parecer, a valorização do cânone não exclui experimentalismos. Somente a vanguarda mais enfurecida imaginou que, para o novo vir ao mundo, seria preciso matar o passado. Ora, devemos conviver todos. O velho de hoje já foi o novo de ontem e nós, novíssimos em folha, vamos ficar podres de velhos em pouco tempo. Esse dilema é movido por uma enorme insegurança. Que insegurança? Freud explica. Como toda criança, o intelectual inseguro quer adular os coleguinhas, se enturmar na tribo de eleição. Portanto, publicamente renega tudo e todos o que possam constranger essa unanimidade artificial. Suspeitamos, contudo, que debaixo do travesseiro sobre o qual dormem, Shakespeare repousa escondido a sussurrar durante a noite...



SUMÁRIO

2 Editorial
6 Olga Maria Castrillon-Mendes
8 Aclyse Mattos
10 Adriano B. Espíndola Santos
14 Álvaro Fausto Taruma
16 Ana Maria Bernardelli
20 André Siqueira
22 Bruno Oggione
24 Caio Augusto Leite
26 Clark Mangabeira
28 Dante Gatto
30 Eduardo Mahon
32 Felipe Eduardo Lázaro Braga
34 Flávia Ferrari
36 Irineu Bruno Jaeger
40 **Gerardo Feldstein**
44 Karine Padilha
48 Lily Magaflor
50 Lorenzo Falcão
52 Lucas Lemos
54 Lucinda Persona Nogueira
56 Mateus Elias
58 Max Lima
60 Nyll M. N. Louiê
64 Odair Morais
66 Rubenio Marcelo
68 Sergio de Carvalho Rodrigues
70 Stéfanie Sande
72 Thiago Costa
74 Maristela Carneiro
78 Anna Maria Ribeiro Costa

EXPEDIENTE

Direção Geral e Edição: Eduardo Mahon
Artista Visual Convidado: Gerardo Feldstein
Colaboradores desta edição: Olga Maria Castrillon-Mendes, Aclyse Mattos, Adriano B. Espíndola Santos, Álvaro Fausto Taruma, Ana Maria Bernardelli, André Siqueira, Bruno Oggione, Caio Augusto Leite, Clark Mangabeira, Dante Gatto, Eduardo Mahon, Felipe Eduardo Lázaro Braga, Flávia Ferrari, Irineu Bruno Jaeger, Karine Padilha, Lily Magaflor, Lorenzo Falcão, Lucas Lemos, Lucinda Persona Nogueira, Mateus Elias, Max Lima, Nyll M. N. Louiê, Odair Morais, Rubenio Marcelo, Sergio de Carvalho Rodrigues, Stéfanie Sande, Thiago Costa, Maristela Carneiro, Anna Maria Ribeiro Costa.
Projeto Gráfico/Diagramação: Roseli Mendes Carnaíba

NUM PESCAR DE OLHOS

Olga Maria Castrillon-Mendes
É pesquisadora da literatura brasileira. Autora de Taunay viajante: construção imagética de Mato Grosso (Cuiabá: EdUFMT, Cáceres: EdUNEMAT, 2013); Discurso de constituição da fronteira de Mato Grosso, 2017; Matogrossismo: questionamentos em percursos identitários (Carlini & Caniato, 2020) e Letras cacerenses (Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021, em coautoria).

QUANDO A LITERATURA DEIXA DE SER ARTE?!

O debate sobre o conceito de arte é amplo e de longa data. Depende da historicidade, das normas do momento, dos grupos de poder. Poder é atitude simbólica, portanto, invisível. Fundamenta os movimentos e a expressão. Não é sentido de imediato, mas mina o corpo social e as mentalidades. Muitos o exercem inconscientemente, levados pelas convenções e atitudes repetitivas da língua, da religião, das artes, que lhes servem de sustentação. É, portanto, uma força que dita a homogeneidade do conhecimento, o lugar simbólico de produção dos sentidos e das representações, reafirmando paradigmas e conceitos. Mais fortemente, é instrumento de dominação, servindo a interesses de grupos.

É possível compreender as manifestações artísticas e manter-se atento às armadilhas que encerram? Como manifestação humana, a arte literária, expressa pela palavra (ou pela oralidade) provém de uma necessidade humana, o que nos diferencia de outros animais. Utilizada de forma artística, a palavra ganha estatuto de arte ao mexer com as emoções. As imagens utilizadas simbolicamente adquirem expressões que acionam outras centenas de percepções. Como arte, a linguagem humana é parte da vida e um "direito humano". Os artistas, intermediários do público, mobilizam olhares, criando pontos de vista para serem colocados frente à vivência de cada leitor. A matéria prima é a palavra centrada nela mesma, não como uma questão funcional, mas de fruição, com base no estatuto intrínseco a ela.

Se em algum momento a palavra usada como instrumento de expressão perde o seu valor estético é o grande (e grave) dilema do escritor. Somente ele, detentor do poder dizer/como dizer, pode alterar esse espaço humano de expressão. O atravessamento no conceito de arte é causador dos estigmas que separam os que podem/devem consumir, dos que *não* podem/devem consumir literatura ou arte. É uma questão de poder simbólico ditado por alguém ou por interesse de grupos.

Então, se a crítica adota o critério separador entre as diversas manifestações artísticas, cabe a ela se desvencilhar das amarras que mantém o povo alijado do direito/prazer de consumir arte. Afinal, a quem cabe julgamentos sobre o que deve ou não ser consumido? O que entra ou não no sistema de produção? A velha senhora, sentada no trono do que se entende por tradição e/ou modernidade, continua a ditar preceitos e indicar o *index* do que vai (ou não) para a fogueira. Talvez a pergunta esteja mais para uma afirmação de que a arte é um poder em si, livre de qualquer critério de determinação.

SIGNO [1]

Magma
ENIGMA
Resmungo

[1] Modo de performar: para ser falado indistintamente e repetidamente por toda a plateia, público, coro grego, torcida organizada etc... de modo que ao longe toda nasalidade dos M e N e toda guturalidade do G soem como o som de uma imensa colmeia de abelhas-humanidade. Modo de performar 2: gravar toda essa ruidosa colmeia e botar numa cápsula espacial e mandar para o espaço onde: a) ou ninguém vai entender nada mesmo (quem entende as abelhas?), ou: b) não vai haver nem tecnologia compatível para escutar (quem no universo entende que as abelhas existem? Bom, talvez Deus.)

Aclyse Mattos
É escritor, poeta e professor da Faculdade de Comunicação e Artes da UFMT. Livros publicados: *Motosblim: a incrível enfermaria de bicicletas* (infantil – 2019) *O sexofonista* (contos - 2018), *Sabiapoca – Canção do Exílio sem Sair de Casa* (infantil – 2018), *Festa* (poesia – 2012), *Quem muito olha a lua fica louco* (poesia – 2000).

Adriano B. Espíndola Santos
É natural de Fortaleza, Ceará. Em 2018 lançou seu primeiro livro, o romance Flor no caos, pela Desconcertos Editora; e em 2020 os livros de contos, Contículos de dores refratárias e o ano em que tudo começou, ambos pela Editora Penalux. Colabora mensalmente com a Revista Samizdat. Tem textos publicados em diversas revistas literárias nacionais e internacionais. É advogado civilista-humanista, desejoso de conseguir evoluir - sempre. Mestre em Direito. Especialista em Escrita Literária. É dor e amor; e o que puder ser para se sentir vivo: o coração inquieto.

OFÍCIO DE ENGABELAR

Não foi a primeira vez que Timóteo quis me engabelar. Nem a pobre da Ritinha escapou. Anos e anos de uma convivência; moramos no mesmo bairro, na mesma quadra, mais especificamente, há, sei lá, vinte anos; pais amigos etc. O sacana, ainda pequeno, passava muitas tardes na minha casa, quando voltávamos da escola. Minha mãe, com todo carinho, preparava os melhores quitutes, doces e vitaminas, “para ter sustância e ficar fortinho”. Não valeu de nada, por exemplo, o videogame que emprestei; as roupas dadas; as dormidas na minha cama, enquanto mamãe me mandava repousar em sua cama ou botava uma rede na sala, porque “visita não se abanca em qualquer lugar”. O cabra era, além do mais, esbanjador; aproveitava-se da situação. Sabendo da inocente bondade de mãe, falava aos quatro ventos que não tinha comida em casa; que a mãe dele não estava indo trabalhar, porque ficara doente, coisa do tipo. Mamãe, sem averiguar os fatos, metia o

infeliz na nossa casa e servia-lhe de tudo: “Meu filho não vai passar necessidade aqui”. E sempre sobrava um bocado de carinho – disso, sim, eu tinha ciúmes. Começaram a sumir pequenos objetos, na maioria imprestáveis, de dentro de casa. Tesoura, controle da tevê, relógio velho e brinquedos. Minha mãe culpou Ritinha, a minha irmã mais nova, por ser desleixada. E, para mim, uma saraivada de carões e castigos severos: “Nada de videogame por uma semana!”. Até que, com o tempo, os roubos aumentaram e ela, também sem apurar, mandou dona Lourdes para o olho da rua. Para se ter uma ideia, dona Lourdes, manca e cega de um olho, também mal sabia falar e se defender. Levou a culpa pela danação e ficou mal falada, abandonada, mendigando por aí, decerto. Mesmo assim, lógico, nada melhorou. Timóteo, o queridinho de dona Celeste, para a minha desgraça, ganhou acesso livre. Futricava em tudo que não era seu. Eu cheguei ao ponto de dizer à minha mãe que não o queria mais em casa; que ele estava atrapalhando a minha paz. “Mas olha, o menino birrento quer cantar de galo. Que eu saiba, ainda mando aqui. O coitado do Timóteo entrará e sairá quando quiser!”. Tendo, portanto, a força de um guaxinim, recolhi-me à minha insignificância. Aí, eu já tinha uns treze para quatorze anos, sabia das coisas. Percebi que Timóteo era um malandro, desses que gostam de afrontar. Decretei-o como meu inimigo, na minha mente. A sorte foi que, logo depois, o danado quis ganhar o mundo, literalmente, no papo. Cometia pequenos delitos e, por isso, a sua mãe o despachou de casa. Só aí dona Celeste entendeu; ressentida, e, com lágrima nos olhos, me pediu desculpa; disse que eu tinha razão. Perdi o bacana de vista e o encontrei, por acaso, no centro da cidade, vendendo produtos eletrônicos “originais”. Ah, ele me tratou como um rei, queria que eu tomasse conhecimento de sua “empresa” e de sua façanha de empreendedor; que havia mudado de vida. Chamou-me, insistente, para que eu fizesse uma visitinha à sua humilde mansão, num bairro próximo ao meu. Não consegui me desvencilhar da pressão e fui. Levei Ritinha, por via das dúvidas, para me socorrer, se fosse o caso. O bacana morava mesmo numa casa duplex, bem arrumada, para bancar o padrão de emergente-detergente. Depois de umas cervejinhas, ofereceu-me uns investimentos; que também trabalhava ajudando os amigos a “crescerem na vida”, como ele. Não, não comigo. Eu não tinha um puto – e nem se tivesse. Mas Ritinha tinha um dinheirinho guardado na poupança e, de lá, sem que eu soubesse, transferiu quase tudo para a conta dele; na segunda-feira, o sujeito faria a transação para a conta da empresa, para ser investido. A promessa era de ganhar os juros, muito acima do oferecido pelo mercado. Ritinha me contou do ocorrido, morta de feliz, quando retornávamos para casa. Disse que era a chance que precisava para pagar a faculdade. “O dinheiro trabalhará para mim!”. Dois, três, seis meses, um ano, e nenhuma notícia. O vagabundo sumiu. Descobrimos, em seguida, que a casa era alugada por temporada. Ora, ele alugava, aliciava as vítimas, e ali aplicava o golpe. Azar é não ter a dona Celeste conosco, nesse momento, em que o caboclo é preso na operação “Pirâmides do Brasil”. A carinha do criminoso estampa, hoje, todos os jornais. Dizem que o estelionatário enganou cerca de trezentas pessoas. Ritinha, minha amada irmã, que conhecia o ladrão, foi uma delas. Muita água vai rolar nesse rio sem fim.

CURTA-METRAGEM

Apresento-vos a mão de quem tocou a escuridão do mundo
Os seus dedos vivem colados ao seu improvável rosto
Os seus vinte dedos demasiadamente numerosos
Para quem tem uma só estrela por cada noite uma só morte
E a vida toda a refazer-se desta cíclica tempestade.

Felizes são os que retornam aos seus lugares de origem
A minha viagem é um pensamento que não tem volta
Estou tentando recriar o mundo à minha imagem e dissemelhança
Com este mundo que nos foi dado e repartido como oferta
À custa dos braços de quem envolveu seu sangue ao lodo.

Não vos direi com palavras o que se viu desse lado opaco da terra
Custa acreditar no dia que reencontramos o nosso próprio esqueleto
Esmagado pela trepidez do corpo e arruinado pelo ácido dos pesadelos
A água a luz e o pão das nossas dívidas não chegam a nada
Diante desta triste e impermutável sabedoria.

Aqui está a mão de quem transporta à vista algum segredo
Com a clara compreensão de que tudo é finito
Basta um telefonema do consultório médico para abrir a ferida
O amor como todo o álibi atraiçoa
Ninguém diz não quando se desce à cova do abandono.

Álvaro Fausto Taruma
Escritor moçambicano. Publicou Para Uma Cartografia da Noite (2016), Matéria Para Um Grito (2018) e Animais do Ocaso (2021). Tem colaborado com jornais e revistas literárias em Moçambique e Portugal

DESFORRA

O pássaro acordou cedo.
Sobrevoou o mar.
Viu as ondas beijando a praia.
Sentiu ciúme.
Em voo rasante, mergulhou nas salgadas águas.
Ao emergir, trazia no bico o coração do mar!

DA SOLIDÃO

o ar seco da estiagem envelhecia as folhagens
uma a uma as folhas caíam
carregando consigo as flores murchas
triste era a queda das pétalas em agonia

sobre o pó da estrada esquálida, descarnada,
o estio aspirava à primavera
riam de seu sonho fantasioso

foi então que do céu um espectro branco
atravessou os ares
e de cântaros de barro jorrou água clara e fria

fez-se silêncio depois da tempestade
acalmou-se a ventania
a solidão instalou-se

apagaram-se as estrelas
e os desertos tornaram-se infinitos!

AS ANTÍTESES VIVIDAS

por muito tempo
o limbo era meu habitat
vivia entre o que partia e chegava
perdido de mim,
dormia as noites dos outros
sonhava os sonhos dos outros

comandava os invisíveis
cuja nudez só eu entrevia
como do rei a sórdida história
amor e ódio pouco discernia
oprimido por não sei quem
por incertezas liberto

o que sabia de mim?
nada!
meu corpo era meu destino

o espírito há muito me deixara
minha anatomia era meu mundo
minha história, a pele que me cobria

Ana Maria Bernardelli
É natural do estado de São Paulo. Professora. Poeta. Ensaísta. Graduada em Letras. Professora de Língua e Literatura brasileira e Portuguesa. Professora de Língua e Literatura Francesa. Musicista. Autora de Poemas gota a gota e Na Trilha das Formigas. Ensaios publicados em vários jornais e revistas do MS. Recentemente eleita para a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

A cacofonia do relógio pujante
zune discursiva, serpenteia no
pomo-de-adão sôfrego.
Autoflagelação furta-cor condensada
nos objetos por vezes peçonhentos
ponteados nas pontes sob autópsia.
Pressurosos contamos o sangue na
relva pingado. De punhos
cerrados à floração escarra-se
a força no entulho de escaras vividas.

André Siqueira
É poeta residente em Jacareí, interior de São Paulo. Colaborou nas revistas Acrobata, Subversa, Mallarmargens, Ruído Manifesto, Gueto, Aboio, entre outras. Publicou de forma independente dois livretos, e em 2020 seu primeiro livro de poesia As Manhãs Fechadas (editora Gataria) foi lançado. Cursou a faculdade de Letras, sem concluir, e participa de eventos, oficinas entre outras loucuras literárias.

A SEGUNDA QUEDA

era como o poeta nascido da eternidade
confundindo sua voz com os séculos de morte
e no vasto sobressalto dos sentidos obscuros
continuava batendo suas palavras

criados ao sortilégio das ondas
a honra e a orgia
eram em si dores
mas terrenas breves
ideias
refletindo o desastre

e os blocos de granito
da ascensão dos voos no futuro
eram os espantos da vileza
nascendo numa blasfêmia hostil
a queda dos negrumes

FUGA

estante
negra

uma via branca
voo ou
pluma-estertor

ilha de resina
crinas prateadas (
homens em todos os
navios)
mais os braços
das bailarinas
ressoando
bailando a contratempo
(contra o tempo # o músculo
essa estante baça
livro virgem
espelho tátil de
amarguíssima
velha coluna)

o descobrimento: uma manhã de outono

(descendo pelas estradas
em fuga)

Bruno Oggione
Nasceu em 1990 na cidade do Rio de Janeiro. É graduado em Letras (UERJ), mestre em Literatura Portuguesa (UERJ) e doutorando em Literatura Portuguesa (UERJ). Autor dos livros Mãos de Ninguém (pequenas astúcias) (Editora Morandi) e Velas pandas, andas... – Ode Marítima e Os Lusíadas (Folio Digital). Tem trabalhos publicados nas revistas Mallarmargens, Aboio, Ruído Manifesto, Torquato e Tamarina.

Eu tinha ombros de nadador
Mas não havia água por aqui
Me afogaria em qualquer açude

Nunca estamos preparados para o real

Embora escreva muito sobre tantas coisas
Sei que estou longe delas

As asas atrofiadas dos poetas
Essas palavras sobre a página

Inventam o céu e a sua altura
Para poder lamentar a própria queda

Caio Augusto Leite
Nasceu em São Paulo em 1993. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) com dissertação sobre *A Paixão segundo G.H.*, de Clarice Lispector. Integrou o Printemps Littéraire Brésilien 2018, na França e na Bélgica, a convite da Universidade Sorbonne. Teve textos publicados nas revistas digitais *escamandro, A Bacana, mallarmargens, Vício velho, Lavoura, Subversa, Literatura & Fechadura* e *Alagunas* É autor dos livros *Samba no escuro* (Scortecci, 2013), *A repetição dos pães* (7Letras, 2017) e *Terra trêmula* (Caiaponte, 2020), além de colunista da revista digital *Ruído Manifesto.*

RECONVEXO TRIBUTO

sou o nosso de Nossa Senhora
e a ave tuiuiú do Cerrado
a jaçanã das matas lá de cima
e o gingado na Avenida lá de baixo.
sou o ioiô do menino do Pelô
e do azul dos olhos do vendedor
de pipa, sou o cerol proibido no calor
da toada do arrombo de Caprichoso.
sou a lira da Ilha do Governador
e o cheiro do chão molhado da Festa de Xangô
no suor da romaria de fim de dia
na gira das sete saias da moça que me vigia.
sou a ferrugem de todos esses pregos
e sim qualquer outro crucificado amor
tutano de joelho de boi gordo
cor de cobalto sem cor
como o som magro do suspiro de Baleia indo embora
depois do último beijo em Fabiano

Clark Mangabeira
Carioca cuiabano, é doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional/UFRJ e professor adjunto de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT. Graduado em Direito, Letras e Ciências Sociais, é escritor de ficção, tendo publicado contos e poemas em diversas revistas literárias e acadêmicas, e escreve enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

Dante Gatto
Nasceu em 1957, natural de São Paulo, capital. Foi bancário até 1996. Aposentou-se como Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, UNEMAT. Escreveu peças de teatro: *Os vencidos* (1985); *A noite dentro da noite* (1986); *A Criação literária* (1988); *Amar, verbo intransitivo* - adaptação (1995); *Retorno ao futuro: a semana de 22* (1996) e *A voz do povo: 500 anos de história* (2000). Publicou livros de poemas: *Poesias* (1980); *Unimultiplicidade poética* (2005) e *A Ferida e outros poemas* (2015) e um livro de metodologia científica: Metodologia da Pesquisa (2017).

FONTE

Não me peça para ficar,
Mas não me deixe ir embora.
Fiquemos aqui a conversar
Sem pensar no aqui e no agora.

Temos muito a relembrar,
Mas deixemos para outra hora.
Se aqui não é meu lugar
Também não o é lá fora.

A noite avança devagar
Há luz ainda no horizonte
E um gosto longínquo de mar...

Transporemos ambos a ponte
Entre os acasos de amar
E a água pura da fonte.

para onde caminhante
continuar a seguir
? senão seguindo adiante

qual episódio passado
? que não seja invento
nossa sorte é lembrar
do esquecimento

Eduardo Mahon
43, é carioca da gema, advogado e escritor. Mora em Cuiabá com a esposa Clarisse Mahon, onde passa sufoco com seus trigêmeos: José Geraldo, João Gabriel e Eduardo Jorge. Autor de livros de poemas, contos e romances, publica pela Editora Carlini e Caniato.

COM FEBRE

a vida está zunindo três vezes no meu ouvido
a vida me pica, me sangue, me suga, e me passa
suor com febre de vida
acendo a luz e vejo a mesma vida voar,
afiado transcorrer pousadamente
a mesma que, se deixasse rastro, seria tempo atrás
mato essa vida com dois aplausos
pra provar pra mim que estou vivo:
suor com febre de vida
suor sou eu que voo

Felipe Eduardo Lázaro Braga
É doutorando em Sociologia (FFLCH-USP), graduando em Filosofia. Escreve sobre arte contemporânea, arte urbana e matemática. Trabalha com pesquisa de mercado e opinião

Flavia Ferrari (Santana de Parnaíba/SP)
É poeta e professora. Escreve contos infantis desde 2014. Começou a publicar seus poemas em 2020, no início da pandemia, mas a escrita esteve presente em sua vida desde a adolescência. Teve poemas publicados pelo Toma Aí Um Poema, Escrita Cafeína, Editora Trevo, Projeto Enluaradas e Revista Literária Pixé. É autora do livro Meio-Fio: Poemas de Passagem (Editora Toma Aí um Poema/2021).

ANUNCIAÇÃO

Não é possível olhar o alto
Se o ar ao redor está todo preenchido

O espaço pode ser este lugar sufocante
Nomeado
Mas não reconhecido

Não é fácil perceber o gosto
Se o que nos cabe é um pedaço ressequido
Sem a presença de um todo
Que nos faça acreditar

Não é prudente adormecer no caminho
Precisamos chegar e registrar o nome
Para que haja uma verdade momentânea
Da partida
Do motivo
Da carne viva

Não é comum os sons perderem a validade
Música esta que canta este tempo
Em que à memória parece ruído

Não é errado esconder-se
Da figura insana
Do momento não aguardado
Da convocação que não admite recusa

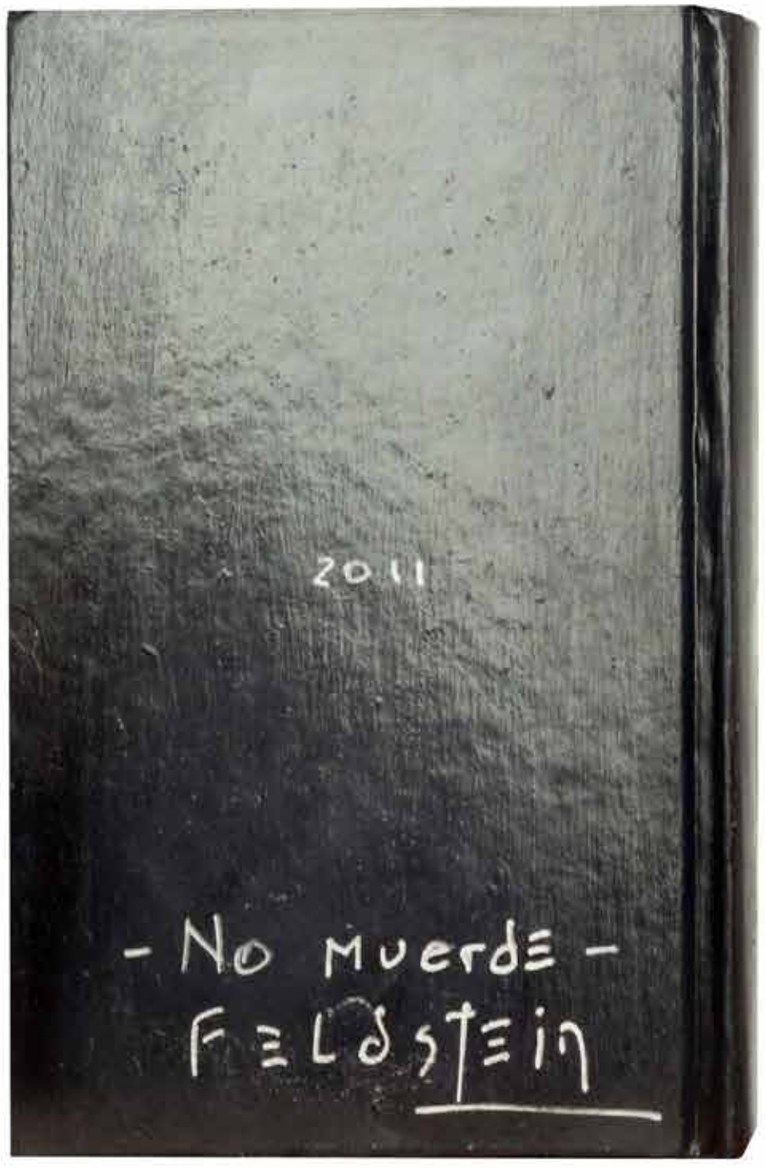
Mas não é prudente ausentarmo-nos
Todos os nossos sentidos são necessários
Mesmo que não haja espaço
Nem esperança
Nenhum movimento

Mesmo sem a tua companhia
Com a qual era fácil conseguir encontrar

O POETA E A DOR

Quintana, meu patrono,
tu sofreste a poesia.
Todo poeta passa
pela dor.
No sofrimento brotam
ideias Ideais, sonhos.
Mário, os governantes
não te reconheceram
nem mesmo os intelectuais
do teu convívio.
E os donos do dinheiro
te puseram
no olho da rua.
Sempre houve quem
teve sensibilidade
e reconheceu teu valor,
e deu amor:
um jogador de futebol:
Paulo Roberto Falcão.
Ele fazia poesia com a bola.
Os poetas jogamos bola
com as palavras.
Ambos encontramos bálsamo
de permeio a sofrimentos.

Ireneu Bruno Jaeger
Ocupa a cadeira nº 1 de Academia Sinopense de Ciências e Letras. É um dos fundadores da mesma. É professor aposentado da Universidade do Estado de MT. Publicou poesias, crônicas literárias e um romance. Recebeu Moção de Aplauso da Câmara de Vereadores e da reitoria pelo histórico da UNEMAT do Estado e do Campus de Sinop. Ao todo publicou 14 obras. É catarinense de nascimento e mato-grossense de coração desde 1977.


2011
- No muerde -
FELDSTEIN

Gerardo Feldstein
Artista convidado

BIOGRAFIA

Gerardo Feldstein nació en Bueno Aires en 1958. Estudió pintura con Eduardo Medici y teatro en la escuela de arte dramático de Carlos Gandolfo.

Desde 1992 se ha desempeñado como docente en diferentes instituciones como FADU (Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo de la UBA), USAM (Universidad de San Martín), CCSM (Ctro. Cultural San Martín), IUPA (Instituto Universitario Patagónico de las Artes, CCFL (Centro Cultural Fortunato Lacámera). En la actualidad, en ECUNHI (Espacio Cultural Nueros Hijos), y en su taller particular.

Desde principios de los años noventa participa activamente en salones oficiales y privados en variadas disciplinas como pintura, dibujo, escultura e instalaciones obteniendo entre otras, las siguientes distinciones;

Tercer Premio Escultura Salón Manuel Belgrano, en 2017 y Tercer Premio Dibujo, Salón Manuel Belgrano en 2007 , ambos en el Museo Eduardo Sívori , Primer Premio Pintura Arte en Retiro, TBA (Trenes de Buenos Aires) y Premio Nunca Más Mural Colectivo, Facultad de Ingeniería, UBA en 1997, Primer Premio Pintura Revista Actualidad en el Arte, Espacio Giesso

Tercer Premio Pintura Salón Nacional del Mar, Mar del Plata en 1994.

EXPOSICIONES INDIVIDUALES RECIENTES;

Une exposition de Gerardo Feldstein, APPART Paris, Francia 2019,

Equilibrios, Galería Alfredo Ginoccio, México. Nos Otros, Museo Casa Carnacini, Prov. Bs. As. en 2016. Feldstein, Artista Invitado para la celebración del X° aniversario del Museo de Arte Contemporáneo Raúl, Lozza, Alberti, Prov. de Bs. As. en 2013. Y No Esencia Perdida, Galería Holz, Bs. As. en 2012. Drähte Ausstellung, La Galería, LÜchow, Alemania. In Estabilidades, Dácil Art Gallery, Bs. As. en 2011. Somos, Mundo Nuevo Art Gallery, Bs. As. en 2010.

SELECCIÓN DE MUESTRAS COLECTIVAS ÚLTIMOS AÑOS;

• 2019 Art FaireTokyo, DKarte Gallery. Art París , Asociattion Art Culture Sulpture. Huntenkust, Ulft, Holanda , Gerardo Feldstein.

• 2018 Art Expo Malaysia, DC Gallery, Malaysia. Barcú, DC Gallery, Colombia. ArtChico DC Gallery, Colombia. Faca, Galería Imaginario, Hipódromo Argentino, Bs. As. Salón Manuel Belgrano, Dibujo y Escultura, Mueso E. Sívori, Bs. As. Heterodoxa, Museo de la Cárcova, Bs. As

• 2017, Hunten Kunst Art Fair, Ulft, Holland. Beyond Time and Space, Gwangju National Muesum, South Korea. Zu-recht gebogen, Land Man 3, KÖlon, Germany. Stroke Art Fair, Munich, Alemania.

Art Lima, Galería Alfredo Ginoccio, Perú. Salón Nacional de Artes Visuales, Dibujo y Escultura, Palais de Glace, Bs. As. Salón Manuel Belgrano, Dibujo y Escultura, Mueso E. Sívori, Bs. As.

• 2016 Salón Nacional, Escultura, Palaís de Glace. Salón Manuel Belgrano, Dibujo y Escultura, Mueso E . Sívori, Bs. As.

• 2015 Art Revolution Taipei, Taiwan. Affordable Art Fire Milan, LZ Fine Art, Milan, Italia.

• 2014 4th Edition Houston Fine Art Fair, LZ Fine Art, Houston, EEUU. ART LIMA, LZ Fine Art, Lima, Perú. 2013, KIAF -Korean Art Fair, Mundo Nuevo Art Gallery , Korea del Sur.

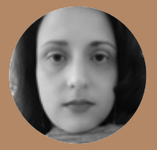
• 2014 Tercera Muestra y Subasta de Arte Contemporáneo, Amia. 2012, Multikulturelle Ausstellung, La Galería, Lúchow, Alemania. KIAF -Korean Art Fair, Mundo Nuevo Art Gallery , Korea del Sur.

• 2014 Arteaméricas, LZ Fine Art, Miami, EEUU. 2011, Arte Ba Galería Holz, Bs. As.

Aqueles que caem
Eu escrevo para os homens que
não sabem ler
Mas desconfiam
Do que dizem os poemas.
Eu escrevo porque tenho urgência de enunciar aquilo que a palavra
não segura, que não é letra nem vocábulo, que não cabe no espaço
Que é o outro não visto, e bem conhecido.
Eu escrevo porque há um declive não mapeado no mundo
Não um lugar, mas um jeito de cair
Que derruba os desconhecidos a cada segundo
Eles desabam pra sempre
Desabam a sós
Sem ler os poemas
De boas novas
Por que os poemas
de boas novas
Não são feitos
para aqueles que caem
E é, também, porque posso cair,
que eu escrevo.

Karine Padilha
Vive em Florianópolis SC e é graduanda em psicologia. Atualmente trabalha com psicologia e arte, realizando pesquisas e prestando atendimentos psicológicos no CEPSI- Centro de Estudos e Saberes Psicológicos da Faculdade CESUSC (Florianópolis SC). Em 2017 escreveu o livro LUGEO, que integrou a XI Entremostras da Fundação Cultural BADESC (Florianópolis, SC). De 2017 a 2018 participou ativamente do programa radiofônico Quinta Maldita, um programa de performance artística organizado pelo músico e literato, Demétrio Panarotto. Em 2021, expôs o auto-retrato Desaparecendo/Disappearing no Mostra Museu (São Paulo, SP).

As coisas do mundo
As coisas do mundo estão todas espalhadas
cercadas, escravizadas.
Foram cedidas e foram negadas
Negociadas
Esquecidas
Escondidas
Empoeiradas
Incendiadas
Esbanjadas
Suplicadas
Negligenciadas
Os donos das coisas do mundo
A troco do giro da manivela
Apossaram-se do tempo
-Que passa
Da vida
-Que passa
Agarraram-se com as mãos à terra, ao umbigo,
às suas mulheres, aos seus pertences, aos seus
chapéus e à ventania,
Porque do outro lado do muro os puxava a morte.
O
cabo
de
guerra
Da imortalidade:
O desespero de provar-se vivo pelo peso que se
carrega
O pavor de sentir-se morto pela entrega.
As coisas do mundo,
Toda e cada coisa,
Consumida
Consumada
Não salva o homem do fim do homem
Não salva, no fim, o homem de nada.



Lily Magaflor
Olá a todos, sou Lilly Magaflor, poeta curitibana. Sou autora do livro A Flor Invertida. Embora, sempre tenha amado poesia e trabalhado como declamadora na minha adolescência, foi apenas na pandemia que me libertei e comecei a escrever. Sou mãe, trabalho com Mentoria e com Arte. Minhas redes sociais são um espaço de divulgação do meu trabalho autoral e ainda tenho um canal no YouTube no qual declamo Poesias de poetas de todos os lugares e épocas.

LAMBEDURA DE FERIDAS

Lambendo as feridas abertas antes,
descubro o peso que carrego.
Âncoras me estancando no fundo
do mar, onde não há luz ou ar.
Pesos de acúmulos sombrios
cultivados na vivência distraída
e que agora, escondem-se no
espelho fingindo ser quem sou.
Feridas abertas a melancolia
dos dias, que se acomoda
purulenta e fétida.
Meus olhos miram o passado
e arrancam cascas e abrem cicatrizes.
Espuma tardia de um mar revolto.
Minha mente!
A prisão absoluta.
Arranho a pele e corto os dias.
Sangro inutilmente.
Vejo o pus avançar em forma
de uma tristeza verde, amarelada,
infeccionando toda minha esperança.
Queria que brigassem fungos,
mas brotam apenas julgamentos
e condenações estúpidas.
Meu passado não me condena.
Eu me condeno.
Me condeno a entrar com unhas
em cada ferida e as fazer sangrar,
doer, abrir, infeccionar, me destruir.
E na piedade patética legada a
mim mesma, me ponho a lamber feridas.
Na boca o gosto do passado, do não
perdão, de sangue e do pus melancólico
que escorre para nunca me deixar esquecer.

POEMA PINK

no fundo, bem no fundinho
de um bolso furado
há um rififi
entre prosa e verso

deus descobriu isso
e logo decretou
a prosa poética

e então deus me disse:
vai, loro, ser poeta na vida
você não deve ficar prosa
o mundo é todo cor de rosa

NUNCA TERMINA

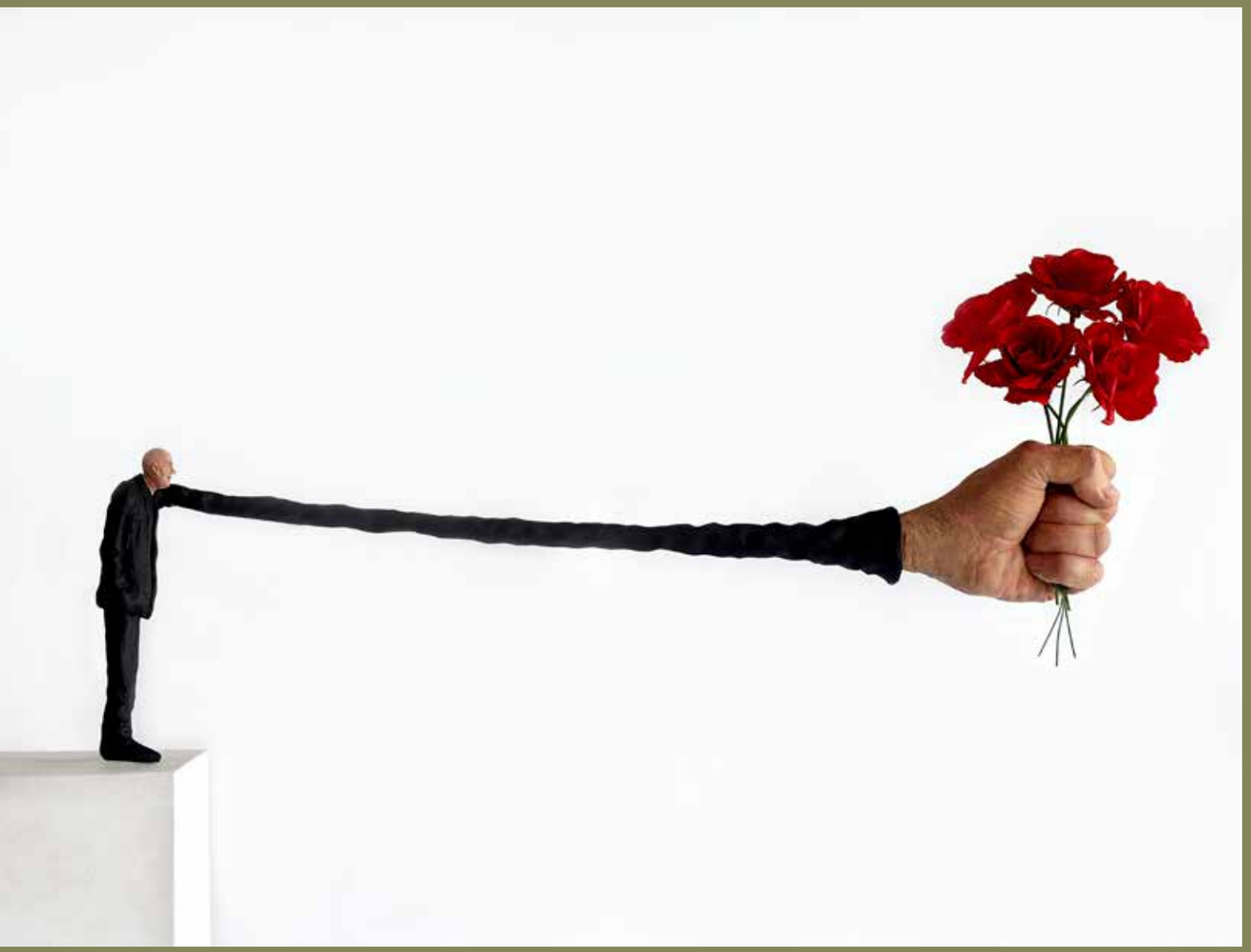
eu queria escrever
um daqueles romances
gigantescos
que o leitor nunca termina.

talvez chateado
com tanta complexidade
e com a história
que nunca termina.

quando a gente começa
a ler qualquer coisa
é porque quer chegar ao fim.
então, segue este pequeno poema.

mas, no entretanto,
prossegue minha vontade
de te chatear e saiba:
ainda vou escrever um romance

Lorenzo Falcão
"Nasci inexplicavelmente para ser poeta", reconhece Lorenzo Falcão na breve biografia que acompanha "mundo cerrado" (assim mesmo sem maiúsculas por opção do autor). "O cerrado é meu lar e a poesia, o meu mundão sem porteira", conclui o jornalista, que nasceu em Niterói (RJ), mas cresceu em Mato Grosso, "entre barrancos, pedras e sombras", e trabalha há muitos anos como jornalista na área de cultura.



Lucas Lemos
Lucas Lemos é nascido em Juína-MT, formado em Letras e Literaturas pela UFMT-Cuiabá, onde é ator e diretor pelo Cena Livre de Teatro. Trabalha como professor, fotógrafo e social mídia na capital mato-grossense. Lançou de forma independente, em 2019, seu primeiro livro de poesias, “Nossa Alegria Triste”.

eu rebolo
com minha magreza
excessiva a f e m i n a d a
pq o suplemento não basta
o suplemento não é vivo
nóssimnóssimnóssim

e disse a pesquisa
na internet que NÃO
não é certo secar roupas
atrás da geladeira
tampouco o coração

amor como o nosso
é de escolher a vida que
escolheu, raro bi
sexto sem saber se
compelir debatendo um
com o pudor do ou
tro é um coitado
falastrão esse
nosso amor meu bem
atlântico medi
dor

e se ainda disserem
não não isso não
é poesia
poesia é voc
ê meu bem
que me lê e
que
me inter
preta

VARIAÇÕES DE UM DISCURSO CHUVOSO

Nuvens-gigantes-cogumelos
plantam chuva no Cerrado
neste meio-dia-primavera

Sem o auxílio da chuva
não viceja o musgo
sobre o muro que o deseja

O lodo na superfície
(verde máscara de água doce)
esconde o sorriso do rio

Duras lágrimas rondando
não saltam dos olhos
sem que eles se quebrem.

Lucinda Nogueira Persona
É escritora, poeta, professora e membro da Academia Mato-grossense de Letras. Nasceu em Arapongas, PR, e vive em Cuiabá, MT. Estreou na poesia em 1995 com o livro Por imenso gosto. Publicou, entre outros: **Ser cotidiano** (1998), **Sopa escaldante** (2001), **Leito de Acaso** (2004), **Tempo comum** (2009), **Entre uma noite e outra** (2014) e **O passo do instante** (2019).

UM PEDIDO SOBRE AS ÁGUAS

E ocê tá veno aquele passarinho?
Aquele gránde naquela árvore bela?
Craro que vê. Quando tá no caminho,
Num precisa de óculos nem vela.

Mô fio, se segura na canoa!
Quand'óia pra cima, o rio taí,
Se ele zangá, a queda é boa,
Ieu mesmo um monte de vez djá caí.

Atençon, que tudo esse é encantado.
A água, nela eu nasci e criei.
Tudo que ocê vê aqui nesse lado
Tem ali debatcho d'água que eu sei.

Lembra: Esse é oridge de nós.
Vão te insiná: "ora pois, I love you",
Mas quero vê no cantá do xa voz
Esse rio e aquele tuiuiú.

Mateus Elias
É graduando em engenharia civil, influencer, youtuber, faixa preta de karatê, tocador de viola de cocho e escritor. No canal "Xomano do Saber" fala de literatura e de cultura mato-grossense. Publica seus textos no blog "Memórias do Xomano" e é autor do livro de poesias "Cada Memória Vivida". É autor de letras de canções em Portugal pela Rausstuna. Nasceu e mora em Cuiabá.

ANDRÔMEDA

levantar-se cedo
por os pães sobre a mesa
juntar os cacos cintilantes de um copo que se partiu
rezar cada conta do terço perolado um número fixo de vezes
em seu dia de 24 horas a mãe jamais medita sobre
buracos negros ou sobre a morte das estrelas
cada um de seus suspiros cabe dentro de alguns segundos cada um de seus passos cabe dentro
[de alguns minutos cada um de seus tombos cabe dentro de uma vida amém
filho, há muito o que ser feito, veja
filho, há este cristo para sempre crucificado na parede, orai por ele
filho, há o relógio insaciável na parede, dê-lhe de comer
filho, há este rombo enorme na vida: mergulhemos
façamos do *aqui* um ensaio cronometrado para o que há de vir
fujo e fujo: calcando escadas – estrelas
subo fundo rumo ao mundo da lua
onde o tempo é outro a vida é outra tudo outro
mas um caco de vidro no chão beija meus pés
me recorda que a mãe já está morta
em outra realidade, porém, ela está aqui
acesa
tirando a poeira cósmica dos móveis

Max Lima (Rio de Janeiro, 1992)
É um músico e poeta brasileiro. Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, possui poemas publicados em prestigiosas revistas e blogs literários. É autor do livro Tetraplegia das Coisas, lançado em 2020 pela editora Patuá.

UM PESADELO DENTRO DAQUELE OUTRO PESADELO

(Para Klaus,
por inspiração de Delirium tremens)

Pesadelei, deveras, o que não deveria ter pesadelado...
ou melhor... ou pior!: sonhado.

Subi escadas mil, descendo
coisa que a lógica não atinge
para além das palavras:
um Sísifo enforcado de ponta-cabeça...

Tive o meu próprio
parque de diversões: macabro e macabras
máscaras sem fim e sem rostos
torsos com olhos maiores que o corpo...

Após a névoa de todas essas coisas bifurcadas
despontei na praia das marés secas e areias molhadas:
onde uma Sereia, com cabeça enorme de Formiga
tocava um violínio com formato de Cigarra...
Retilíneo som ela evocava...
expondo todas as minhas vergonhas desalmadas.

Abriu sua gigante boca de ganchos,
alargando o pescoço, com o interior cheio de passagens,
repleto de ossos argolados,
que a um só tempo

rememoravam um tubarão-baleia,
embora ainda um peixe-anjo ou um peixe-lua:
seu caminho, ela própria, um formigueiro,
e me fez por ele adentrar, mal iluminado...

Passava daí por gigantes carregando sacos de pérolas
até despontar em uma nova praia
no Centro daquela Terra subterrânea...

Nova coisa semelhante, porém (à) Outra, ali havia:
uma sereia com corpo de Cigarra — ainda maior! —
tocando um Curvoncelo com formato de Formiga...

Nessa ida, mal ela abrira a boca novamente,
olhei para trás e gritei, em ecossono:
"Esta vida, mal vivida,
e tudo que sou, soo, suponho e sonho
nada mais é que um pesadelo
entre dois espelhos
formando um túnel infinito de desesperos... sem rima."

Nyll M. N. Louie-Alicê
É o pseudônimo de Vinícius Dallagnol Reis. Nasceu em Sinop no ano de 1992. Redige poemas desde os onze anos, tendo se embrenhado também na escrita de contos. Suas poesias foram laureadas quatro vezes no Varal de Poesias da Unemat. Outra delas ("Tentação") foi escolhida para a seleção da Vivara Editora no Concurso Nacional Novos Poetas (2014). Em 2018, publicou sua primeira obra, uma breve coletânea de poemas intitulada "Escatolírica Nokturna". Os principais temas de seus textos giram em torno dos símbolos da memória, da noite e da morte: para o autor, portanto, o ato literário significa "dar moradia às lembranças".

OFÍCIOS, AFAZERES E OFERTAS

aprender a decantar miragens
como uma abstração guardada no bolso
de repente

descobrir subterrâneos
madrugada adentro
para além das lembranças cotidianas

acalentar imagens de alerta que
piscam insones
nas esquinas da memória

LOAS À LUA

apascentar um arco-íris no pescoço da musa
ao relento

adoçar estrelas que irrompem com langor
de seu olhar abduzido

destampar sonidos zen
sem amargura

abdicar desterros

lábios cegos que entoam
cânticos à lua

Odair de Morais
(Ôda), cuiabano, autor de Contos Comprimidos (Multifoco, 2016) e do volume de haicais Instante Pictórico (Carlini & Caniato, 2017).

ANDARILHANDO A FUGA

(para Eduardo Mahon)

não, por esta rua não
pois esta rua é mão
de cruzamento único... sombrio...
sem sede... sem febre...

um andarilho original
não solta pipas cores de névoas:
sua visão arranha sóis
e andarilha céus além do décimo quarto andar...
precisa da pedra
inoxidável
sem tinta,
sem tanto sal confinado

semeia galerias
que pulsam avessas ao sussurro dos cata-ventos

em nubladas alamedas
de chamas e tribulações
não busca decifrar as tubulações e chaminés de um
distante paço made in usa
– mas apenas o distinto passo
da medusa... de aço!

Rubenio Marcelo
É membro efetivo ocupante da Cadeira 35 da Academia Sul-Mato Grossense de Letras, da qual foi secretário-geral e atualmente é diretor cultural. É membro correspondente da Academia Mato-Grossense de Letras. Poeta, escritor e compositor, possui treze livros publicados (3 em coautorias) e três CDs – uma de suas obras mais recentes: o livro Vias do Infinito Ser (poemas) está indicado para o Vestibular 2021 da UFMS.

DEPOIS DO KOMBA

Depois do komba, o que fica
É mosca, é silêncio,
O mesmo das tumbas do Kifica.

O vazio invade e o meu olhar petrifica
A memória dos gritos do vício
De disputa lacrimosa
De quem o ente ainda hoje despreza.

Como antes, depois do komba,
Fechada está a tumba
E a lágrima seca se acha
Sem o sal preso na face
Da ausência ao meu alcance.

Depois do komba,
Quem se importa
Vem, os outros vão
E a real partilha começa.

Sérgio de Carvalho Rodrigues
É de Caxito e nasceu em 1987. Reside na Ingombota, onde estudou Língua Portuguesa e Comunicação pela UMA. Mestre em Estudos Didáticos, Culturais, Linguísticos e Literários pela UBI, é doutorando em Literatura pela Universidade de Évora. A dedicação à criação literária norteou a sua trajetória académica. Técnico sénior do Ministério da Educação, professor e pesquisador, o escritor publicou no Cultura, Jornal Angolano de Artes e Letras e noutros periódicos. Colabora na Editora Alma Azul pela qual tem poemas na Antologia Poesia da Língua Toda (no prelo), que celebra a língua portuguesa. Publicou A Oratura na Literatura Angolana: O Conto, a Lenda e a Poesia (2019).

QUEDA DE BRAÇO

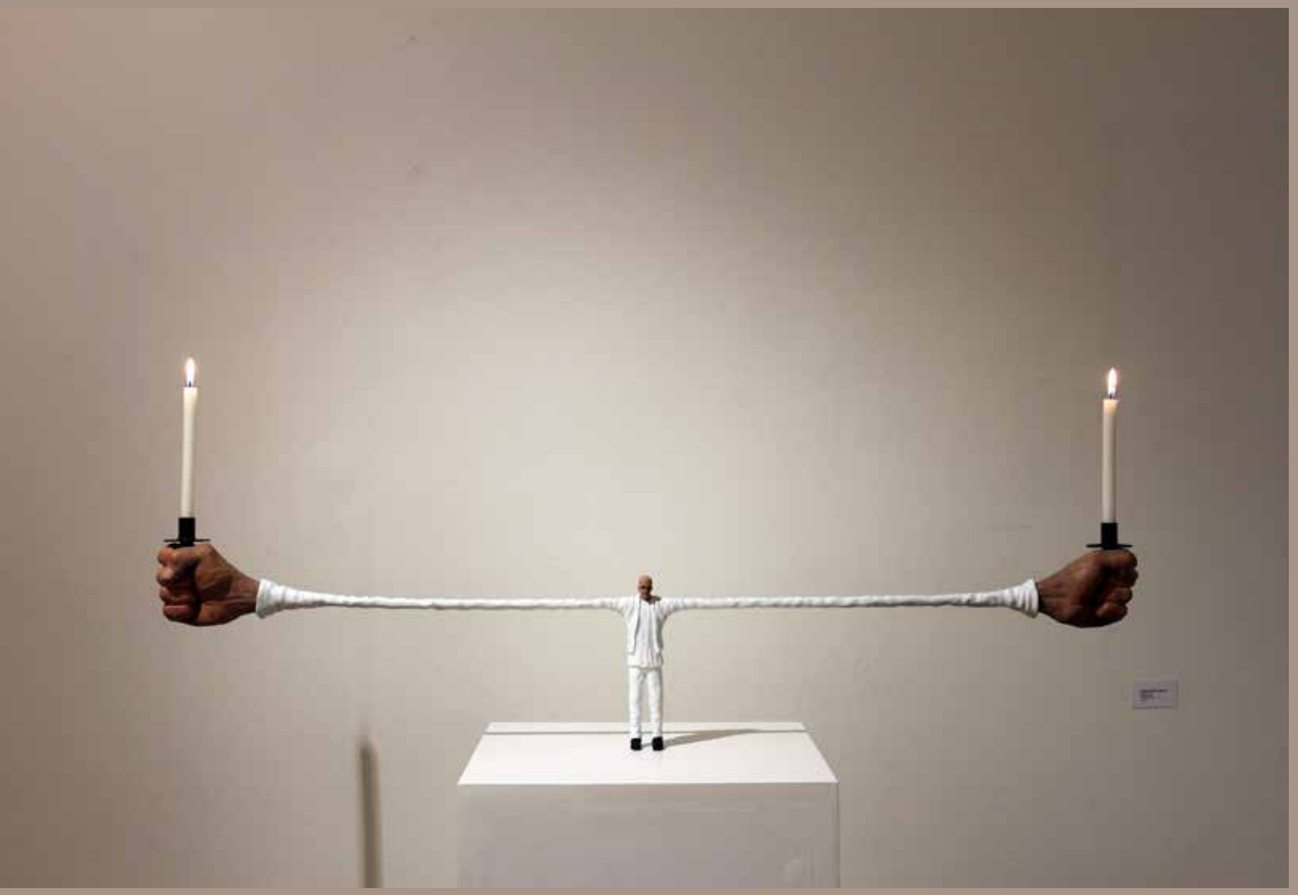
medusa de aço
a cidade envelhecendo
e os incansáveis
cansados

a queda de braço
virou nas últimas
a favor do tempo
a favor do espaço

a mentira morre
e vira monumento
as pessoas morrem
e viram epitáfio

aqui jaz ela
escreveu livros
viveu um pouco
e virou pedra

Stéfanie Sande
É escritora e doutoranda em escrita criativa na PUCRS, autora dos romances "O último verso"e "Virgínia".



LEPROSÁRIO

Nuvens de poeira cobrem o céu, manchando o dia com aquela coloração encardida de chão de terra. De fim de garimpo. Eu fecho os olhos, mesmo detrás dos velhos óculos de sol, para que o pó não se misture ao pus da conjuntivite. A garganta está seca. As paredes de madeira estalam. As moscas polvilham meu corpo, minha boca, meus pés, minhas mãos cheias de calos. Sento na beirada da cama, com esforço, equilibrando-me sobre uma das nádegas para não ferir a hemorroida. Escuto passos na escada, no corredor, atrás da porta. Gotas de suor correm entre minhas pernas. Calor. As paredes estão empenadas, a madeira continua a estalar, o vidro se quebra. Acendo um cigarro e espero o fim do mundo. Ninguém resiste, nada resta, todos caem. Todos caem quando devem cair. Assim é. Desde o princípio. Os mais velhos morrem depois, os mais novos morrem primeiro. A janela está aberta, não há vento. A fumaça do cigarro fica suspensa no ar, estática, diluindo-se ao ambiente pouco a pouco. Morrendo. Eu também. Assim é. Nada sobrevive ao meu redor.

Troco de posição e me sento sobre a outra nádega. Tenho câimbras. As úlceras no meu peito começam a fluir e o sangue borra o lençol e o colchão. Minha pele arde, queima, coça. Devem ser trezes horas passadas. O clarão da tarde brilha dentro do quarto iluminando os buracos no assoalho. Calor. Por um instante o silêncio. Hoje a noite será de festa: haverá danças, bebidas, mulheres. O perfume doce de raparigas em flor. Compra-se ouro. É o que diz a placa. Os homens esperam, eles não voltarão ao trabalho. Tenho vontade de sair, descer, ir para a rua, juntar-me aos outros. Recordar os tempos de garimpo. Aquela ânsia de vida e de morte. Costumávamos sequestrar as índias ainda meninas, fazíamos nossas escravas e amantes, com elas abastecíamos os puteiros da região. Os índios eram assassinados, mortos a pauladas, queimados vivos. Assim era. Antes da AIDS, da lepra e da tuberculose.

Eu finjo que adormeço. Desperto com a tosse. Constante, profunda. Procuro a escarradeira. Está na boca. E fede. Um fedor antigo, que jamais se extingue. Assim será. Todos caem. Todos morrem. Menos eu. Eu nunca morrerei.

Thiago Costa
É historiador. Faz doutorado em Estética e História da Arte pela USP. Autor de "O Brasil pitoresco de J.B. Debret ou Debret, artista-viajante" (RJ, 2016) e organizador – ao lado de Ariadne Marinho – de "O jardineiro de Napoleão. Alexander von Humboldt e as imagens de um Brasil/América (sécs. XVIII e XIX)" (Curitiba, 2019). Docente do IFMT – *campus* Fronteira Oeste/Pontes e Lacerda.

CONTEMPORARTE

Maristela Carneiro
Maristela Carneiro é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea – PPGECCO/UFMT. Docente da Faculdade de Comunicação e Artes – FCA/UFMT, é Mestre em Ciências Sociais e Doutora em História. Co-Líder do Grupo de Pesquisa ContemporArte. Dentre seus interesses, destaque para Estudos de Gênero, Feminismos, Artes e Cultura Visual, Pensamento Decolonial e Epistemologias do Sul.

PERFORMANCES

É possível pensar a arte como uma brincadeira com a realidade, o que quer que seja essa realidade ou os critérios maleáveis pelos quais a definimos. Pela mágica do deslumbramento e da experiência da apreciação estética, materiais e palavras se coadunam para compor algo que é mais que a soma de suas partes. Vemos uma superfície plana coberta com tintas e a interpretamos como parte de uma tradição bem definida de milhares de outras superfícies planas cobertas com tintas. Vemos um bloco de material desbastado, um objeto pré-fabricado colocado em qualquer contexto, e extraímos desse arranjo de substâncias uma miríade de possíveis sentidos. Vislumbramos esses sólidos e julgamos que eles são dignos de paredes, de pedestais, de museus e de páginas e páginas de livros de história da arte.

Essas parafernálias são mais que a soma de suas partes porque elas são revestidas pelo brilho que nosso olhar imprime nelas. Nossos olhos, carregados com a pesada bagagem de sentimentos, memórias e patologias que acumulamos ao longo de nossas vidas, são também pincéis e cinzéis, modelando as obras tanto quanto o próprio artista - também assim chamado por uma série de convenções que vão se acumulando e acumulando e acumulando. A criatividade não é apanágio do autor; de certa forma, ela reside mais em nós, que observamos, do que naqueles que portam os pincéis ou os cinzéis.

Dessa brincadeira, que é um pacto entre a criação artística e o olho observador, nasceram inúmeros jogos: a proporcionalidade, o claro-es-

curo, a perspectiva, a abstração, cada qual acrescentando novas camadas de técnica e significação ao gesto de delinear figuras em materiais inorgânicos. A essa altura esse gesto parece natural, intuitivo, parte daquilo que chamamos humanidade. Quase nos esquecemos que o impulso por arrancar formas vivas de um bloco de rocha ou de madeira é algo que não ocorreu à maioria dos seres humanos ao longo de nossa curta história nessa bolinha azul que habitamos. Parece natural aplicar cores produzidas artificialmente sobres superfícies, também produzidas a partir de complexos processos aperfeiçoados ao longo dos últimos dois milênios. O mesmo vale para a moldagem de inúmeras substâncias. Papiros, papéis, tecidos, telas, pedras, metais, plásticos. Pintar e esculpir certamente não são atividades naturais aos seres humanos, mas sim invenções compostas de dezenas de pequenas invenções anteriores, que por sua vez colaboram para o surgimento de novas invenções até os dias de hoje. Novas invenções que tornam velhas invenções obsoletas.

Por isso as obras do artista plástico alemão Lucian Freud simultaneamente acalentam e chocam. Suas pinturas e esculturas atentam para nosso primeiro lar e conforto: nosso corpo. Este, porém, também é nosso primeiro estranhamento, nosso primeiro nojo, o alvo de nossas primeiras hostilidades. Nossas experiências só são inteligíveis porque temos um corpo para lê-las pelas vias dos sentidos, o que quer dizer que nosso corpo é uma fonte infindável de prazeres, provenientes de agradáveis refeições ou de um banho quente. Por outro lado, é nosso corpo que sente as agressões do mundo e de outros corpos, que sofre nossas dores e produz nossas neuroses.

Corpos contorcidos, esticados, assoberbados por pressões e tensões de todos os tipos, de todos os lados: sinalizando, gesticulando, afastando-se de si e buscando-se ao mesmo tempo, pois não é senão um gesto híbrido de retornar a si ao tentar se repelir o que caracteriza os padrões de movimento de nossos membros, independentes, mas conectados a uma única base e uma única mente. Aparentemente. Ainda que fragmentada em mil outras mentes. Pés e mãos se deslocam pelo espaço, dedos, pele e veias descrevendo retas e curvas, como pincéis e cinzéis, sempre eles, atentando para os limites, as distâncias e as equivalências entre a arte e o corpo que a assimila.

Toda arte é, em certa medida, uma performance. Quando tratamos de performances de fato, como o “Ritmo 0” de Marina Abramović ou “Shoot”, de Chris Burden, estas existem apenas no momento e local de sua execução, restando como evidências apenas registros feitos por meio de fotos e vídeos. Por outro lado, quadros e esculturas são evidências de uma performance não vista. Da maioria das obras de arte que conhecemos ao longo da vida, testemunhamos apenas as evidências, e isso certamente é algo inquietante: para a maioria de nós, a arte existe como apenas como uma sombra de sua realidade efetiva. Nosso corpo as experimenta pelos olhos, pelos ouvidos, pelos sentidos, falhos, incompletos. Talvez até mesmo venhamos a conhecê-las por meio de recursos como a realidade aumentada, mas nossos corpos jamais se verão diante dos espaços nativos onde elas estão - ou estiveram, no caso de performances e artes efêmeras, peças cuja própria unicidade depende de sua radical impermanência, como os “Monumentos Mínimos” de Néle Azevedo e “Retrato de Ross”, de Félix González-Torres.

Os corpos estirados e torcidos de Ron Mueck nos recordam de nosso próprio estado de constante torção, performance e impermanência da forma neste mundo. Eles fazem isso com uma inegável veia cômica, um ângulo mundano e caricato e autoconsciência que falta a muitas obras de arte, contemporâneas ou não. Certamente a arte dialoga conosco. Ela busca ser levada a sério exatamente como buscamos sermos também valorizados, enquanto pressionamos e reposicionamos nossos corpos em uma performance que só se encerrará com a morte.

HALUHALUNEKISU, A ÁRVORE DO SABER

Anna Maria Ribeiro Costa
É doutora em História pela UFPE e Professora do Univag. Chegou às terras do povo indígena Nambiquara na Primavera de 1982. Dos índios recebeu o nome Alusu, por conta de seus hábitos alimentares. Nessas terras, conheceu José Eduardo, com quem tem dois filhos: Theo e Loyuá. Vem se dedicando aos estudos sobre os povos indígenas de Mato Grosso, com especial atenção ao Nambiquara.

TEMPO DE CHUVA

A libélula, *matitisu*, moradora da Figueira sagrada suspensa no céu, possui o poder da chuva. Há muitos e muitos anos, o espírito *Dawasunusu* encarregou o inseto para distribuir chuvas para as gentes lá de baixo. Ao seu talante, com seus minúsculos pés a bater um no outro, fazia chover com as águas da lagoa celestial.

As gentes de baixo não gostavam nem um pouco do trabalho de *matitisu* porque ora chovia demais, ora chovia de menos. Dificilmente acertava a quantidade de chuva necessária ao trabalho da caça, do plantio, da coleta. Somente um homem velho conseguiu sobreviver à desordem do inseto voador.

O homem velho só tinha uma saída: descobrir onde estavam as raízes da Figueira sagrada para subir e encontrar com a libélula para lhe ensinar corretamente o tempo e a quantidade de chuva. Mas, onde estavam as raízes suspensas da Figueira? Desesperançoso, sentou-se.

As almas, que lá de cima assistiram todo o esforço do homem velho, jogaram um cipó, alertando-o para segurá-lo firmemente e fechar os olhos durante o percurso. As bondosas almas puxaram o cipó para que o homem atingisse a copa da Figueira sagrada para conversar com *matitisu*. Assim que chegou, foi prevenido a não dirigir a palavra ao colérico gavião.

Ao encontrar com *matitisu*, o homem velho ensinou que quando uma florzinha amarela desabrochasse no cerrado não poderia fazer chover. Ela avisava que havia chegado o tempo de cuidar da terra para os trabalhos da roça; participava também as abelhas o momento de produzir mel. Deveria fazer chover somente com o estrondo das trovoadas e a cantoria das cigarras. E assim se fez. *Matitisu* aprendeu a lição dada pelo homem velho que veio das terras debaixo da Figueira sagrada.

PIÉ

REVISTA LITERÁRIA